



A Influência da Mídia na Opinião do Indivíduo: Verdade ou Especulação?¹

Carla Pollake da SILVA²
Antônio Carlos F. RUÓTULO³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este trabalho faz interface entre a Comunicação e a Psicologia Social, através da Teoria da Dissonância Cognitiva, para investigar se receptores mudam de opinião - respostas a determinados conteúdos – por influência da mídia. O caso analisado põe indivíduos diante de dois conhecimentos em conflito: o fato de que todo celibatário deve possuir um comportamento adequado, moral e ético e as denúncias, relatadas pela mídia, de pedofilia dentro da Igreja Católica. Neste contexto procura-se analisar se a exposição realizada pela mídia foi capaz de mudar o ponto de vista de indivíduos que já conheciam o tema e possuíam em seu repertório uma opinião pré-estabelecida sobre ele.

PALAVRAS-CHAVE: recepção; mudança de opinião; influência da mídia.

Mídia, influenciadora de opiniões?

Quaisquer assuntos que envolvam política ou religião são temas que frequentemente desperta diversas opiniões e variados posicionamentos por se tratarem de temas delicados que parecem ter grande relevância dentro do contexto social e de convivência de um grupo de indivíduos. É sabido que quaisquer opinião e comportamento são gerados a partir das referências sociais, e seletivas, que cada indivíduo carrega em sua vivência. Comumente, principalmente em países terceiro-mundistas, a mídia é apontada/acusada de ser grande influenciadora na formação da opinião pública e, portanto, potencial modificador de opiniões e comportamentos. Mas será mesmo que a mídia é capaz de modificar opiniões e comportamentos já preestabelecidos pelo próprio indivíduo de acordo com seu repertório adquirido a partir de suas experiências pessoais e sociais?

¹ Trabalho apresentado no DT 8 - Estudos Interdisciplinares do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, email: carla.silva@metodista.br

³ Orientador do artigo. Professor do Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* da Universidade Metodista de São Paulo, email: antonio.ruotulo@metodista.br



Dois Conhecimentos em Conflito: Celibato e Pedofilia na Igreja Católica

Nosso objeto de estudo tem como tema um assunto que gerou (teve seu ápice em 2002) e ainda gera escândalos e um mal-estar junto a sociedade em geral e especificamente à Igreja Católica, englobando representantes da igreja e fiéis: a pedofilia praticada por padres. Capas de revistas, jornais e televisão deram destaque ao assunto, que é delicado porque supostamente mexe com a “moral e os bons costumes” de uma sociedade, dentro de país como o Brasil que é predominantemente católico e conservador.

Neste caso específico temos dois conhecimentos em conflito: o conceito – amplamente difundido - de que todo sacerdote assume compromissos morais, éticos e pragmáticos junto a Igreja Católica e à própria sociedade, e o fato de que alguns destes “quase santos” praticam atos perversos - e altamente condenados por qualquer indivíduo, seja ele religioso ou não – como a pedofilia.

Objetivos

Este trabalho propõe analisar de que forma a veiculação na mídia de denúncias de pedofilia na Igreja repercute na opinião dos receptores; modifica, esclarece ou reforça a opinião preliminar? É objetivo também perceber que tipo de leitura os receptores fizeram do material que é disponibilizado nos meios de comunicação. Dessa forma, pretende-se averiguar o processo que se baseia no esquema *opinião-estímulo-opinião*, ou seja, perceber se há variação na opinião do receptor depois do estímulo (leitura das matérias sobre pedofilia), se reforça a opinião anterior, se a leitura foi seletiva, e principalmente, verificar qual o grau de dissonância causado em cada indivíduo.

Dissonância Cognitiva: para entender os estados aversivos, suas motivações e seus efeitos.

A Comunicação é uma área multidisciplinar, estando muitas de suas questões ligadas à filosofia, sociologia, antropologia, psicologia e assim por diante. Com base nesta interdisciplinaridade intrínseca à Ciência da Comunicação, tomamos uma teoria da Psicologia Social para analisarmos um fenômeno comunicacional que parece estar mais em pauta do que nunca: qual o grau de influência que os veículos de comunicação exercem na formação de opinião dos indivíduos/sociedade?



Para o desenvolvimento dessa averiguação, tomarmos a Teoria da Dissonância Cognitiva, desenvolvida na década de 1970, como norteador. Segundo W.W Lambert e W.A Lambert (1975),

Tem sido frequentemente sugerido e até assinalado, por vezes, que o indivíduo esforça-se por realizar um estado de coerência consigo mesmo. A tendência de suas opiniões e atitudes, por exemplo, é para existirem em grupos internos coerentes. É possível encontrar exceções, sem dúvida. Uma pessoa é capaz de pensar que os negros são tão bons quanto os brancos, mas não gostaria de ter famílias negras residindo em seu bairro...(p. 11)

Esse tipo de incoerência é o que chamamos de dissonância. Seguindo a teoria³, quando a dissonância está presente a pessoa, além de procurar reduzi-la, evitará ativamente situações e informações suscetíveis a aumentar essa dissonância, ou seja, “A dissonância cognitiva pode ser considerada uma condição antecedente que leva à atividade orientada para a redução de dissonância”⁴.

O estado dissonante surge quando há dois conhecimentos em conflito (A # B), Tomando como referência a citação de Lambert (1975) e trazendo para o presente estudo podemos parametrizar dois conhecimentos conflitantes: “Todo padre é bom”; “padres praticaram pedofilia”. Para que este tema/conhecimento desperte algum grau de dissonância há uma condição antecedente: o assunto deve ser de alta relevância para o indivíduo⁵.

Retomando nossa área de origem, a Comunicação, pretendemos caminhar em torno das razões que levam as pessoas a procurar informações e das condições que elas procuram, verificando assim se a mídia é capaz de modificar suas opiniões já preestabelecidas.

Se o tema tratado por este estudo assunto (religião) for de alto grau de relevância para um indivíduo, possivelmente nascerá um estado aversivo/tensão assim que ele se deparar com as informações relativas ao assunto.

³ A teoria da *Dissonância Cognitiva* será aqui apresentada de maneira breve, resumida e exemplificada para rápida compreensão do contexto do trabalho. Para uma leitura aprofundada sobre a teoria sugere-se a leitura de LAMBERT, W.W; LAMBERT; W.A. Teoria da Dissonância Cognitiva. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1975.p. 13

⁴ Idem

⁵ LAMBERT, W.W; LAMBERT; W.A. Exposição Voluntária e involuntária à informação: teoria. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1975.p. 118-119



Já que o ser humano não convive bem com a contradição, com o conflito, ele procurará reduzir este estado aversivo. É importante ressaltar que o estado aversivo é fisiológico podendo causar reações como tensão, falta de sono, aceleração de batimento cardíaco, etc. Quando dentro deste quadro, o indivíduo transforma este estado aversivo em motivação para resolvê-lo, ou seja, sair do estado de tensão ele cria alguns mecanismos. E como pode haver a redução deste estado de tensão?⁶

1. Mudança de um dos elementos (A # B)

A – Todo padre é bom.

B – Padres praticaram pedofilia.

Mudança do elemento B – são realmente padres? Há provas?

2. Adicionar Cognição (A # B + C)

A – Todo padre é bom.

B – Padres praticaram pedofilia.

Adição de cognição – ele deve ter distúrbios

3. Mudar a importância de uma delas (A # b)

As duas variáveis continuam existindo, mas eu não mudo meu comportamento porque *diminuo sua importância*.

Ex. Ele cometeu um pecado, mas todos cometem pecados; Deus perdoa a todos.

Depois de analisado como o estado aversivo está presente, ou não, é necessário avaliar os efeitos (filtros) provocados em cada indivíduo após a exposição ao estímulo inicial, causador da dissonância. No caso aqui exposto, os indivíduos foram expostos a informações (estímulo) sem que isso fosse um desejo próprio (exposição involuntária), portanto, não há condições de motivação à recepção desta mensagem. Não há interesse em ter novas informações sobre o assunto, assim, a teoria supõe que quanto maior for a opinião já existente, maior a distorção da interpretação da mensagem exposta.

Os possíveis efeitos:

A) *Exposição seletiva a informação (consonante)*: o indivíduo se expõe ao que ele concorda e o que ele não concorda, ignora.

B) *Tomada de decisão*: se há uma tomada de decisão (posicionamento), logo depois há um breve período de arrependimento; passado, há um reforço da sua decisão e vai crescendo a atratividade pela sua escolha.

⁶ LAMBERT, W.W; LAMBERT; W.A. Exposição Voluntária e involuntária à informação: teoria. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1975.p. 118-119



C) *Discrepância entre opinião e comportamento*: quando o indivíduo entra em controvérsia entre sua opinião e seu comportamento, procura apoio social. Como quase sempre o indivíduo encontra apoio é difícil mudar a opinião. No caso de não apoio, pode-se mudar a opinião já que o comportamento já aconteceu.

Colocada estas possibilidades, queremos verificar como os indivíduos expostos ao tema “pedofilia na igreja católica” reagem, qual seu grau de dissonância (se existir) e quais os efeitos que estas mensagens provocam em suas opiniões já preestabelecidas.

Metodologia

Por se tratar de um estudo empírico, avaliamos ser a entrevista a técnica mais apropriada. Os entrevistados sofreram uma exposição involuntária – ou exposição forçada - à informação sobre pedofilia na Igreja Católica. Eles foram selecionados⁷ e procurados para uma conversa inicial. Foi proposta a leitura de artigos sobre o tema e uma entrevista após essa leitura. As entrevistas foram realizadas pessoalmente. Foi utilizado questionário pré-estruturado com indivíduos de diferentes grupos de referência: uma católica praticante, um protestante - pastor da Igreja Metodista, um ateu e uma católica não-praticante.

A seguir, descrição do perfil dos entrevistados:

Helena – Católica Praticante: Participa das missas aos domingos; é organizadora e catequista na comunidade de Cobilândia (bairro da cidade de Vila Velha/ES).

Idade: 59 anos

Estado Civil: casada há 39 anos

Filhos: 3

Escolaridade: Ensino Fundamental

⁷ Seguindo critérios que atendam a demanda desta pesquisa



Jesus Anacleto – Pastor da Igreja Metodista

Idade: 50 anos

Estado Civil: casado há 22 anos

Filhos: 3

Escolaridade: Superior (Graduação em Teologia)

Marcelo – Ateu

Idade: 22 anos

Estado Civil: solteiro

Filhos: -

Escolaridade: cursando superior (Ciência da Computação)

Elaine – Católica não-praticante: não praticante atualmente porque viveu por dez anos em um convento com freiras que custeavam seus estudos.

Idade: 27 anos

Estado Civil: solteira

Filhos: -

Escolaridade: Pós-Graduação (Mestre em Ciência da Comunicação)

Após seleção e realização das entrevistadas, foram anotados os resultados individuais e realizada uma análise (crítica). A seguir será colocada a documentação utilizada como estímulo para averiguação dos comportamentos e feitos nos indivíduos diante do tema proposto e o desenvolvimento do estudo.

Documentação

Para a realização deste experimento foram utilizadas como estímulo duas matérias de revistas semanais - como documentos:

1. Revista *Época* nº 192 – 21 de janeiro de 2002. *Pedofilia na Igreja: “Perdi o controle”*. É uma matéria descritiva, onde vários casos são relatados. Ressalta a falta de punição aos crimes de pedofilia praticados por padres.



2. Revista Veja edição 1748 – ano 35 – nº 16 – 24 de abril de 2002. *O calvário da Igreja*. A matéria crítica, de forma mais direta, a omissão e o corporativismo da Igreja Católica em relação ao problema da pedofilia dentro da sua congregação. Mostra casos, mas seu foco principal está em mostrar quanto a igreja quer esconder seus escândalos (e quanto paga financeiramente por isso).

Resultados/relatos individuais das entrevistas

Helena – Católica praticante – membro da igreja de sua comunidade

Resultado: alta dissonância

Relato: a entrevistada evitou um segundo contato após a leitura dos textos sugeridos. Na primeira entrevista declarou achar sério o assunto e que a igreja era justa por isso já estava tomando as devidas medidas. Defendeu a idéia de que a pedofilia é uma doença e que pode atingir padres também. “Todo mundo está sujeito, por que não os padres?”. É uma mulher de poucas palavras (pelo menos para falar deste assunto). Falou que iria ler os textos e que depois falaria o que achou. Quando procurada pela segunda vez para continuar falando sobre a questão, após a leitura das matérias, foi percebido que D. Helena estava evitando falar com a entrevistadora alegando doença na família. Três tentativas foram feitas, mas a senhora continuava “impossibilitada de receber visitar”.

Análise do resultado: a dissonância foi alta por ser se tratar de um assunto de alto grau de relevância para a entrevista já que sua vida social está diretamente ligada à Igreja e suas regras. Ainda mais por ser ela um membro de propagação das crenças e regras (catequese) da Igreja Católica. Para diminuir o estado aversivo, no primeiro momento ela mudou a importância de uma das variáveis (pedofilia é uma doença, e os padres também podem ficar doentes).

Jesus Anacleto – Pastor da Igreja Metodista

Resultado: nenhuma dissonância.

Relato: O pastor parece tratar o tema com distanciamento da sua realidade já que se trata de um problema da Igreja Católica. Na primeira entrevista disse que vê o problema



como uma patologia, mas também como um crime, devendo o responsável ser punido. Citou os casos de pedofilia no clero brasileiro e no americano que já conhecia. Na Segunda entrevista, após leitura das matérias, reforçou o que havia citado anteriormente e que encontrou como exemplo dentro da matéria que lera. Enfatizou que a Igreja Católica precisa encontrar um caminho para combater o problema. Disse ainda acreditar que o corporativismo e o fato de a Igreja Católica querer ver a pedofilia apenas como pecado (cuja solução está no perdão de Deus) os principais fatores para a morosidade com que este problema é resolvido. Foi possível perceber que todo o tempo ele mantém um distanciamento, sempre citando o problema que é da “Igreja católica”, as soluções que devem ser encontradas pela “Igreja Católica”.

Análise do resultado: quando há dois conhecimentos em conflito, mas o indivíduo não se sente parte do problema, não é gerada dissonância.

Marcelo – Ateu

Resultado: baixa dissonância

No primeiro contato afirmou já ter “ouvido falar” do problema e que achava normal já que a igreja católica vem praticando “crimes” por toda a sua história. Disse que a única diferença é que hoje temos a imprensa para denunciar e que há séculos atrás havia as fogueiras para “queimar o que não podia ser lido”. Após a leitura, em um segundo contato, mostrou todo o tempo como estava certo. “As matérias vieram me confirmar o que eu já sabia. A igreja é corporativista e nunca assume seus erros, querendo acobertá-los a qualquer preço – e olha que fica caro hein! – é uma podridão. Deus pode até existir, mas certamente não deve querer que seu reflexo seja a Igreja. Os pedófilos deviam ser punidos, ir para a cadeia, como qualquer cidadão. A igreja deveria assumir isso e não ficar escondendo: “Não vêem que assim escondem criminosos?”.

Análise do resultado: A exposição ativou algum tipo de dissonância por se tratar de um assunto com certa importância para o entrevistado. Como pressupõe a teoria da dissonância, quando há uma opinião já formada antes do estímulo é mais provável que haja uma seleção consonante na leitura, ou seja, o indivíduo dá maior grau de importância ao que vai de encontro com sua opinião anterior a exposição. Exatamente o



que ocorreu aqui. O indivíduo utilizou o estímulo sugerido para confirmar suas aspirações.

Elaine – Católica não-praticante

Resultado: baixa dissonância

Esta entrevistada foi criada por freiras, em situação de alta religiosidade, no entanto, tanto no primeiro contato, quando no de pós-leitura, Elaine se baseou mais em explicações científicas e de ética do que emocional para responder às questões orientadas. Disse que a pedofilia é um crime, quando não uma doença, e que as pessoas que a praticam (sejam padres ou não) devem ser punidas, pagar pelo que fizeram. Afirmou que esses casos servem de alerta para que os pais e a sociedade prestem mais atenção em “com quem andam seus filhos”, e aprendam a “não confiar cegamente em alguém, quem quer que seja”.

Análise do resultado: apesar de ter sido criada por freiras a baixa dissonância pode ser explicada pelo alto grau de escolaridade da entrevistada, tendo em vista que o assunto “religião” é subjetivo e, muitas vezes, emocional.

Afinal, a mídia muda opiniões? Análise à luz da *Dissonância*

Seguindo a proposta da teoria da *Dissonância Cognitiva* que aplicamos no caso aqui descrito (exposição involuntária de indivíduos a matérias relacionadas à pedofilia na Igreja Católica) foi percebido que a opinião após o estímulo reforça a opinião inicial. As pessoas têm uma leitura seletiva e dão grande ênfase aos fatos que confirmam sua opinião anterior. Quanto mais forte a opinião inicial, maior a distorção na interpretação da mensagem, ou seja, a pessoa direciona a leitura para fatos que confirmem para a sua opinião inicial. Além disso, houve uma entrevistada (a católica praticante) que evitou explicitar sua opinião posterior ao estímulo. Supõe-se que ela tenha encontrado na leitura pontos de oposição à sua opinião inicial e por isso não quis falar sobre o assunto em um segundo momento.

Essa análise-percepção deixa indícios de que a mídia muda pouco, ou nada, a opinião do indivíduo. Talvez possa moldar a opinião caso ele não tenha conhecimento algum sobre o assunto; fora desta possibilidade os resultados aqui encontrados apontam



o uso da mídia para confirmação de suas aspirações ao invés de ser utilizada para a formação de tal.

É muito comum – e freqüente – difusores/defensores de que a mídia molda e/ou muda opiniões e por isso é considerada um poderoso instrumento de persuasão. Este artigo abre a perspectiva de que as pessoas usam os veículos de comunicação, e não o contrário. O “supremo poder” atribuído à mídia, muitas vezes por quem a pauta, neste caso, parece mais especulação que verdade. Este resultado é um convite a se repensar onde estão, verdadeiramente, as reais motivações que levam um indivíduo a uma *mudança* de opinião.

REFERÊNCIAS

ANACLETO. Entrevista concedida a Carla Pollake da Silva. Campos do Jordão, São Paulo, maio de 2002.

CRIVELLARO, Débora; CORDEIRO, Thiago. O sexo dos anjos. Época. Rio de Janeiro, Ano IV nº 192, p.68-74, 21 de janeiro de 2002.

ELAINE. Entrevista concedida a Carla Pollake da Silva. São Paulo, maio de 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo : Atlas, 2008.

HELENA. Entrevista concedida a Carla Pollake da Silva. Vila Velha, ES, maio de 2002.

HOVLAND, Carl. Efeitos dos meios de Comunicação de Massa. In: STEINBERG, Charles. Meios de Comunicação de Massa. São Paulo : Ed. Cultrix, 1966. p.560-610

KLINTOWITZ, Jaime. O calvário da Igreja. Veja. São Paulo, edição 1748 – ano 35 – nº 16, p.83-93, 24 de abril de 2002.

LAMBERT, W. W; LAMBERT W. A. Introdução à teoria da dissonância. In: Teoria da dissonância Cognitiva, 4ª Ed. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1975 p.11-36

_____. Exposição Voluntária e Involuntária à informação: teoria. In: Teoria da dissonância Cognitiva, 4ª Ed. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1975 p.117-127

MARCELO. Entrevista concedida a Carla Pollake da Silva. São Paulo, maio de 2002.